FEMIPA
FEDERAÇÃO DAS SANTAS CASAS DE MISERICÓRDIA E HOSPITAIS BENEFICENTES DO ESTADO DO PARANÁ

Voz Saúde

HOSPITAIS HUMANITÁRIOS DO PARANÁ

JANEIRO/FEVEREIRO DE 2020 | Nº 112

13º Seminário Femipa

Oportunidade de networking, conteúdo e negócios

Página 4

ENTREVISTA

Especialista fala sobre os desafios e os benefícios das redes hospitalares

Página 3

LEGISLAÇÃO

Hospitais terão que se adequar à Lei Geral de Proteção de Dados

Página 6

O início de um novo ano sempre vem carregado de muita expectativa. 2020 não seria diferente. A reunião com o governador Ratinho Junior, em dezembro de 2019, nos deu um pouco mais de esperança para o ano. Na ocasião, ele reconheceu a importância das nossas instituições e sugeriu a criação de um grupo de trabalho permanente para levantar propostas inovadoras para o setor no Paraná. Um dos assuntos a serem discutidos será a regionalização, algo que o Estado já vem trabalhando desde o ano passado. Esperamos que, em 2020, possamos fazer acontecer a execução de um plano efetivo.

Além disso, no primeiro semestre, temos um evento importante, o tradicional Seminário Femipa, que comemora a marca de 13 edições. Nomes de peso já estão confirmados, como o secretário de Estado da Saúde, Beto Preto; o secretário de Atenção Especializada à Saúde do Ministério da Saúde, Francisco de Assis Figueiredo; e o superintendente do Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual de São Paulo (IAMSPE), Wilson Pollara, que já foi secretário municipal de Saúde de São Paulo. Outro momento importante do evento será o atendimento aos hospitais filantrópicos afiliados pelos técnicos da Secretaria de Estado da Saúde e do Departamento de Certificação de Entidades de Assistência Social em Saúde do Ministério da Saúde.

Nesse espaço, e com autoridades prestigiando o evento, muitos assuntos novos e importantes serão discutidos. Um deles é a rede de hospitais, pois precisamos debater a questão, entender o nosso papel e organizar nossos processos, para que possamos estar alinhados e preparados para as mudanças que poderão surgir. Outro tema que exigirá atenção e esforço, e que será amplamente debatido durante o Seminário, é a Lei Geral de Proteção de Dados, algo que terá grande impacto nos hospitais e que precisa estar muito claro dentro de cada instituição para evitar problemas. Inclusive, você poderá ler uma matéria completa sobre a Lei nesta edição do Voz Saúde.

Temos pela frente um espaço para promover debates, trocar informações, nos preparar para as mudanças e para buscar de nossos representantes o compromisso com a Saúde. Mas, para aproveitarmos de fato esse momento, será preciso, mais uma vez, união. Foi isso que ajudou a fortalecer as nossas relações e a mostrar a importância das instituições filantrópicas para o Sistema Único de Saúde (SUS) até aqui. Contamos com vocês.

Boa leitura!

Flaviano Feu Ventorim,
presidente da Femipa

CURTAS

CMB divulga Agenda de Obrigações 2020

Já está disponível a Agenda de Obrigações para 2020. Dentre os tópicos abordados no documento preparado pela Confederação das Santas Casas de Misericórdia, Hospitais e Entidades Filantrópicas (CMB) estão informações sobre os procedimentos obrigatórios, fundamentos legais e prazos a serem seguidos pelos hospitais sem fins lucrativos e filantrópicos.

A agenda traz particularidades acerca do Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social (CEBAS); da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS); da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego; da Declaração do Imposto de Renda Retido na Fonte (DIRF); da Escrituração Contábil (ECF); do Registro do Hospital no Conselho Regional de Medicina (CRM); do Registro e Licença de Funcionamento no Departamento de Polícia Federal (DPR); do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA); das Declarações de Serviços Médicos (DMED); da Escrituração Contábil Digital (ECD); e das Contribuições (EFD).

O documento pode ser baixado no site da Femipa – **www.femipa.org.br**

**Com informações da CMB*

Ministério realiza pesquisa para conhecer o perfil de saúde dos brasileiros

Desde o início do ano, o Ministério da Saúde está realizando a principal pesquisa no país que mede os fatores de risco e de proteção para doenças crônicas não transmissíveis, como diabetes, cânceres, obesidade, doenças respiratórias e relacionadas ao coração – principais causas de mortes no Brasil. Trata-se da pesquisa Vigitel 2020 (Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico). A expectativa é ouvir cerca de 27 mil pessoas somente no primeiro semestre.

Desde 2006, a pesquisa monitora a frequência e a distribuição de fatores de risco para o surgimento destas doenças através de um questionário, respondido por telefone, sobre itens como hábitos alimentares (consumo de frutas e hortaliças) e estilo de vida (prática de atividade física, tabagismo e consumo de bebidas alcóolicas). São também investigadas a frequência do diagnóstico médico de hipertensão arterial e diabetes, bem como a realização de exames de mamografia e de papanicolau.

O tempo médio para responder ao questionário é de cerca de 12 minutos. As ligações serão feitas das 9h às 21h (horário de Brasília) nos dias da semana, e das 10h às 16h aos sábados, domingos e feriados. A participação na pesquisa Vigitel é voluntária.

**Com informações do Ministério da Saúde*

EXPEDIENTE

Voz Saúde

O Jornal **Voz Saúde** é uma publicação bimestral da Federação das Santas Casas de Misericórdia e Hospitais Beneficentes do Estado do Paraná - FEMIPA

- Produção: **INTERACT Comunicação Empresarial** **www.interactcomunicacao.com.br**
- Jornalista responsável: **Juliane Ferreira** **MTb 04881 DRT/PR**
- Redação: **Maureen Bertol**
- Diagramação: **Pedro Luís Vieira**

FEMIPA
FEDERAÇÃO DAS SANTAS CASAS DE MISERICÓRDIA E HOSPITAIS BENEFICENTES DO ESTADO DO PARANÁ

- **Rua Padre Anchieta, 1691 - sala 505 – Champagnat 80730-000 - Curitiba - Paraná**
- Fone: **41 3027-5036**
- **www.femipa.org.br** ▪ **comunicacao@femipa.org.br**
- Presidente: **Flaviano Feu Ventorim**

Redes hospitalares em debate

Wilson Modesto Pollara, superintendente do Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual

"A Saúde precisa gastar dinheiro de forma correta porque, hoje, estamos gastando mal o dinheiro da saúde". A afirmação do médico e superintendente do Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual (IAMSPE), Wilson Modesto Pollara, chama atenção para uma nova discussão: os hospitais precisam aprender a trabalhar em rede?

Nesta entrevista, o especialista, que estará no 13º Seminário Femipa, explica o que são as redes hospitalares, os benefícios desse modelo e como hospitais e poder público podem estar alinhados para encontrar soluções em conjunto.

VOZ SAÚDE: O que são as redes hospitalares?

Wilson Modesto Pollara: Redes hospitalares são complexos que integram vários hospitais de diferentes complexidade. Tem hospitais com aparelhagem muito boa, mas que são só para doentes graves que necessitam dessa aparelhagem. Tem um segundo tipo de hospital para casos mais simples, que requerem menos estrutura hospitalar; e hospitais para doentes crônicos e paliativos.

Hoje, o hospital de grande complexidade, ao invés de atender casos mais graves, fica com um terço dos leitos desperdiçados com pacientes que não precisam de toda aquela estrutura. Quando se monta a rede, o paciente transita pelos hospitais que ele precisa.

VOZ SAÚDE: Quais os benefícios desse modelo?

Pollara: Hoje, a taxa de ocupação de leitos SUS no Brasil é de 51%. Ou seja, metade dos leitos está vago. Mas por que isso? Quanto mais simples for o hospital, menores serão as taxas de ocupação porque os doentes entram no grande hospital e lá ficam. Ninguém se preocupa em colocá-los no lugar certo. Atender em rede significa gerar economia e utilização de leitos que hoje estão vazios. Além disso, colocando o doente onde ele realmente precisa, libera-se lugar para aqueles que precisam da grande estrutura.

VOZ SAÚDE: Por que é necessário discutir esse tema?

Pollara: Porque, hoje, a cultura é a do hospital isolado. O diretor entra em um hospital, abre a porta e atende tudo, e esse mesmo diretor não tem contato com outros hospitais para dividir os casos. Não existe comunicação entre hospitais. Precisamos criar esse hábito, essa linha de comunicação, para que o doente vá para o lugar certo. Discutindo o tema, as pessoas vão entender, compreender e começar a formar as redes.

VOZ SAÚDE: As redes hospitalares atendem às mudanças que a Saúde precisa?

Pollara: Com certeza, melhora muita coisa. Nos prontos-socorros de grandes hospitais, 80% das pessoas não precisariam estar ali. Se reduzirmos o atendimento de 15 a 20% do que atende hoje, o hospital vai poder atender muito melhor quem realmente precisa daquela estrutura. Essas são mudanças que precisam ser feitas. A Saúde deve gastar dinheiro de forma correta, porque, hoje, estamos gastando mal o dinheiro da saúde.

VOZ SAÚDE: Qual a importância das secretarias de Estado da Saúde estarem alinhadas com as Secretarias Municipais de Saúde para formulação de uma política estadual de regulação e formação da rede?

Pollara: Se imaginarmos que 70% dos municípios têm menos de 30 mil habitantes, eles têm menos de um parto por dia, por exemplo. Qual município consegue montar uma maternidade, com toda a equipe necessária, para fazer um parto por dia? Não consegue. Só o Estado tem condição de juntar os pacientes que precisam de determinada especialidade de todos municípios para poder justificar a presença de uma equipe. Assim, o município teria que cuidar da prevenção da saúde e o Estado cuidaria de quem está doente. Seria a Secretaria da Saúde, nos municípios, e a "Secretaria do Doente", nos Estados. Ou seja, o indivíduo fica nas mãos da prefeitura enquanto não está doente, ou tem apenas uma doença simples, como um resfriado; e, quando tem doença que precisa de especialista, vai para o Estado. Mas, para isso, necessitamos de integração entre Estado e municípios para cada um fazer a sua parte. Isso tudo gera escala.

Atendimento Sesa e Ministério da Saúde

Durante o 13º Seminário Femipa, os hospitais filantrópicos poderão contar com o atendimento de profissionais da Secretária de Estado da Saúde (Sesa) e do Ministério da Saúde. Os técnicos da Sesa estarão no evento no dia 11 de março (das 14h às 17h30) para esclarecer dúvidas sobre o programa HOSPSUS, Vigilância Sanitária, Contratos (Contratualização), cadastro, convênios e projetos, entre outras demandas pontuais das entidades. Já o atendimento do Ministério da Saúde será nos dias 12 e 13.

A iniciativa, que já acontece desde a edição de 2010 do Seminário, é uma forma de otimizar a participação dos gestores hospitalares no encontro, além de estreitar a relação com o gestor público. Para participar, os representantes dos hospitais deverão se inscrever na secretaria do evento.

13º Seminário Femipa: também um lugar de negócios para empresas e hospitais

Um espaço que estimula a troca de experiências, de ideias e de soluções para o dia a dia dos profissionais. Além disso, é um importante ambiente de negócios, com novidades e oportunidades para os gestores hospitalares. Assim é o 13º Seminário Femipa, que, neste ano, vai discutir "A Força e a Importância dos Hospitais Filantrópicos para a Saúde Pública do Paraná" entre os dias 11 e 13 de março, em Curitiba (PR). Já conhecido pela grande quantidade e qualidade de conteúdos durante os três dias de encontro, o evento conquistou também, ao longo dos anos, reconhecimento e credibilidade de marcas parceiras.

Um exemplo é a Unimed Paraná, que completa, nessa 13ª edição, 10 anos de participação no Seminário. Pelo quarto ano seguido, figura como co-realizadora. Para o presidente Paulo Roberto Fernandes Faria, o evento proporciona um ambiente especializado, com soluções inovadoras e completas para uma boa gestão hospitalar. Ele garante que a troca que ocorre entre os participantes e os patrocinadores traz a oportunidade de networking para o desenvolvimento de projetos e negócios futuros.

"Nessa troca, temos possibilidade de desenvolver projetos e ações que buscam o aprimoramento da qualidade e a prestação de serviço, focando na segurança do paciente, aproximação e fortalecimento das relações com prestadores hospitalares e a troca de conhecimento. Para a Unimed Paraná, participar desses debates tem sido muito importante para aproximar a visão da operadora de planos de saúde dos prestadores hospitalares, construindo mecanismos que possibilitam o fortalecimento da parceria no processo de prestação de serviço, aumentando a qualidade e segurança do paciente ao longo do tempo, tornando o sistema de saúde mais confiável e eficiente", afirma.

Outras quatro marcas que completam 10 anos de Seminário Femipa esse ano são Bionexo, Formathos, Sismatec e Uniprime. Já a Air Liquide completa nove anos de participação. De acordo com Marcelo Mendes, diretor da Formathos, além de novos negócios, o evento também é um espaço para que os clientes possam dar feedback às empresas: "estes Seminários são excelentes ocasiões para encontrarmos pessoalmente os principais gestores hospitalares da região Sul, para podermos mostrar equipamentos que comercializamos, assim como discutir sobre os serviços técnicos que também a Formathos realiza. Diversas vendas foram iniciadas ou concretizadas em Seminários Femipa. Acreditamos que a Femipa é uma entidade que representa, de forma exemplar, os hospitais do Paraná. Por isso, mantemos essa sólida parceria que se renova a cada ano".

Para Paulo Pessoa, Regional Product & Application Specialist da Air Liquide, ser parceira desde o início do Seminário Femipa tem sido fundamental para o grupo no Brasil. "No espaço, entendemos como os gestores do Estado estão superando as diversas complexidades com os usuários de forma segura, buscando qualidade financeira da instituição e adaptação quanto às transformações externas que interferem no setor. Nossa participação vai além de simples relações comerciais; buscamos entendê-los nas necessidades, considerando as dinâmicas de cada região para proporcionar cada vez mais uma melhor experiência com nossos produtos e serviços", comenta.

Na avaliação de Alexandre Wyllie, CCO da Bionexo, o evento é parte essencial do desenvolvimento da Saúde no Paraná. "Participar do Seminário nos deixa próximos dos hospitais que são referências na região, e temos a possibilidade de estreitar o relacionamento com diversos profissionais. E o mais importante: de conhecer ainda mais de perto a necessidade dos nossos clientes. Por isso, apoiamos iniciativas como a da Femipa, pois temos certeza de que este evento reúne todos os agentes e conhecimento para um rico e ágil intercâmbio de informações, cada vez mais necessário em um mundo que exige rápidas mudanças", garante.

Na marca de sete anos está a Apoio Cotações, e com cinco anos de participação a Condor e a ISEE Consultoria. Para Mário Lonczynski, CEO da SPDATA, a Femipa é uma instituição de credibilidade no setor de Saúde, da qual os hospitais filantrópicos buscam apoio em diversas esferas, seja de conhecimento, de regulação ou somente

apoio político para alcançar sustentabilidade. E essa credibilidade se estende ao Seminário, pois a Federação tem um papel fundamental na promoção de ações conjuntas com os filantrópicos, promovendo o encontro das âncoras do segmento e dos hospitais, o que facilita a abertura de canais de relacionamento entre os pares.

"Estar em um evento como esse é a oportunidade de estarmos em contato com os gestores dos principais hospitais filantrópicos do Estado. É também um ambiente para relacionamento com os clientes e para discutirmos, juntos, os rumos da Saúde. Lá, podemos mapear oportunidades e planejar ações de melhorias em processos e otimização de recursos a partir de parcerias e adoção de melhores práticas. Nós, enquanto expositores, podemos fazer a leitura das discussões que ocorrem no evento para traçar estratégias de desenvolvimento de ações de gestão com os clientes e, assim, subsidiá-los de instrumentos de controles e indicadores a partir das ferramentas que desenvolvemos", explica.

Sueli Suniga Gandara, diretora da Apoio Cotações, complementa, dizendo que essa é uma oportunidade de poder contar com a chancela desta importante entidade que é a Femipa nos serviços que as empresas prestam aos hospitais e aos clientes em geral. "O trabalho sério e os profissionais da Federação se traduzem em transparência e dedicação aos afiliados, além de promover uma confraternização e a troca de experiência e conhecimento entre os participantes. Para as empresas, é um momento para fazer contatos, de estarmos próximos dos clientes e mostrarmos nossos diferenciais e de que forma podemos ajudá-los", destaca.

Para Robertson Ferreira, diretor comercial da ISEE Consultoria, "essa relação de parceria vem se fortalecendo ao longo dos anos, alinhada ao Seminário, que a cada ano se consolida como um dos mais importantes eventos de Saúde no Sul".

Na avaliação de Diego Ferrari, cofundador da Avatar Soluções em Saúde, a Femipa é uma Federação que atrai hospitais e, a cada ano, reúne mais pessoas no Seminário. Por isso, participar do evento é uma forma de estar próximo dos clientes e também expandir a área de atuação no Paraná.

"Para nós, o Seminário é uma forma de falarmos um pouco mais do assunto, trazer mais detalhes do que fazemos e do que gostaríamos de ter. Tivemos diversas oportunidades e, desde que começamos a participar, conseguimos marcar apresentações e nos aproximar dos clientes. Outro ponto importante para nós é o pós-venda, e já percebemos que clientes do Paraná gostam de fazer negócios com empresas que estão no Estado, então, essa aproximação que temos com os nossos clientes e futuros clientes é ótima e muito importante", explica.

De acordo com Rafael Tavares, executivo de negócios do Grupo Condor, a Femipa merece aplausos pela organização e por proporcionar um evento como o Seminário. "O encontro vem para somar aos negócios entre os hospitais filantrópicos do Paraná e as empresas prestadoras de serviços e distribuidoras da área médica. É o ambiente perfeito para interagir de uma forma mais dinâmica e informal com nossos clientes, amigos e parceiros", avalia.

E, com tamanho sucesso entre as marcas, há empresas que estarão pela primeira vez no Seminário. Um exemplo é a Gesti Soluções. Segundo Luis Santin, consultor, coordenador de projetos e gestor comercial da empresa, o objetivo da Gesti ao participar do Seminário é ampliar a rede de clientes e de atendimento.

"Estamos no mercado há mais de 18 anos. Hoje, trabalhamos em quase 40 hospitais pelo Brasil, a grande maioria hospitais filantrópicos, e pretendemos ampliar a nossa abrangência indo para o Paraná também. Queremos fazer contato, fazer a divulgação da nossa marca e dos nossos trabalhos. A participação no Seminário vai ser muito importante. É um espaço reconhecido, que ouvimos falar muito bem. Por isso, resolvemos estar presentes e esperamos participar durante muitos anos", completa.

CONHEÇA TODAS AS MARCAS CONFIRMADAS NO 13º SEMINÁRIO FEMIPA

EXPOSITORES

Air Liquide Healthcare · apoio.best cotações · Avatar · bionexo · Condor Soluções Completas em Gestão de Operações Aduaneiras · Formathos 0800 052 6600 www.formathos.com.br · Gesti · Hospital Pequeno Príncipe 100 anos · ISEE consultoria · MV · Uniprime cooperativa de crédito · SPDATA Sistema de Gestão Hospitalar · Sismatec Tecnologia a serviço da vida

APOIO

Azevedo Auditores Independentes · DRG Brasil · Niwa & Advogados Associados · Planisa · XHL

APOIO INSTITUCIONAL

AHOPAR Associação dos Hospitais do Estado do Paraná · amp Associação Médica do Paraná · CCI França Brasil Câmara de Comércio França-Brasil · CRA-PR Conselho Regional de Administração do Paraná · CMB Confederação das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos · CRM-PR · Federação Brasileira de Administradores Hospitalares · FEHOSPAR · FEHOSC Federação das Santas Casas, Hospitais e Entidades Filantrópicas do Estado de Santa Catarina · fehosp Federação das Santas Casas e Hospitais Beneficentes do Estado de São Paulo · Grupo IAG Saúde · Parlons Santé · Sindicato das Santas Casas de Misericórdia e Hospitais Filantrópicos do Estado de São Paulo SINDHOSFIL · SINDIPAR

Lei Geral de Proteção de Dados vai exigir mudanças nos hospitais

NOVAS REGRAS DEVEM ENTRAR EM VIGOR EM AGOSTO. TEMA SERÁ DEBATIDO NO FÓRUM DE DIREITO DA SAÚDE DA FEMIPA

A partir do dia 15 de agosto de 2020, empresas privadas e órgãos públicos brasileiros deverão se ajustar às novas normas da Lei n° 13.709/2018, mais conhecida como Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). A novidade vai exigir mudanças significativas no tratamento das informações e proteção de dados no Brasil, já que a Lei trata sobre a forma que as empresas capturam, utilizam e armazenam os dados das pessoas. Em entrevista ao jornal Voz Saúde, a advogada Marina Rangel de Abreu Iede, que atua no Escritório Maffini Advogados e é sócia-fundadora da MR3 Assessoria e Consultoria Empresarial, explicou que a Lei foi criada para proteger os dados pessoais. Além disso, a Lei traz, ainda, uma subclassificação dos dados pessoais sensíveis – dados que podem levar a algum tipo de discriminação à pessoa.

"Com esses dados pessoais sensíveis, a proposta é proteger o cidadão de maneira mais incisiva, inclusive aplicar sanções e penalidades mais graves caso ocorra alguma violação da norma. Dentro disso, a Lei trouxe especificamente dados referentes à saúde, à vida sexual, ao dado genético e ao biométrico. Isso quer dizer que o setor de Saúde será muito impactado pela LGPD, o que traz dilemas, pois praticamente todos os dados que as instituições utilizam são classificados como sensíveis e são compartilhados entre elas para prestação de serviços", afirma.

Na avaliação de Marina, a estrutura hospitalar é complexa, com processos internos multidisciplinares e de sistemas interligados. Além disso, um hospital conversa com diversos atores, como plano de saúde, laboratório de exame, farmácia, entre outros. Isso quer dizer que há uma série de dados que são compartilhados, muitas vezes com empresas parceiras dentro de uma instituição, e essa troca de dados é tutelada pela Lei. "O hospital tem responsabilidade pela forma como uma empresa terceira lida com os dados coletados do paciente. A Lei prevê responsabilidade solidária entre empresas parceiras, pelo compartilhamento desses dados e pela forma como a outra empresa trata esses dados", detalha.

Outro grande impacto apontado pela advogada é quanto ao acesso do paciente às informações. A especialista explica que ele pode pedir retificação, portabilidade, restrição ou exclusão dos dados. "Isso pode trazer alguns choques com a legislação de Saúde e que terão que ser analisados caso a caso. Por exemplo, não será possível pedir a exclusão do prontuário, ou de um dado do prontuário, porque existe uma obrigação legal contrária de se manter o prontuário por 20 anos se for físico e por prazo indeterminado se for digital. Um grande desafio da Lei é também o fato de existirem normas que se chocam e que deverão ser avaliadas", comenta.

Com a tecnologia tão avançada e sendo utilizada em favor da população, Marina lembra mais um ponto que exigirá bastante atenção da área da Saúde: a forma de comunicação entre médico e paciente e também entre médicos, já que, hoje, muitos se comunicam via WhatsApp para se chegar à melhor terapia para o doente.

"É muito comum esse compartilhamento de informações por uma rede social, mas essa rede pode ter fragilidade. Vale destacar que o vazamento de dados na área hospitalar é extremamente oneroso. Temos pesquisas que indicam que os dados médicos são extremamente valiosos, pois são informações que mais

valem no mercado negro. Um estudo realizado pelo Ponemon Institute com a IBM entre julho de 2018 e abril de 2019 levantou que o custo médio global por vazamento de qualquer tipo de dados chega a US$ 3,92 milhões. Mas, isolando apenas a área da Saúde, esse número quase dobra, chegando a US$ 6,45 milhões de dólares. A maior parte do vazamento de dados se dá por ataques criminosos - 51%; erros de sistema - 25%; e erro humano - 24%", destaca.

Como se adequar à Lei

O primeiro passo, segundo a advogada, é fazer um trabalho preventivo, com a implementação de um plano de privacidade e proteção de dados. Esse plano passa por inventariar todas as informações que passam pelo hospital, mapeando os dados e os processos pelos quais eles circulam. Marina ressalta que, a partir daí, será preciso fazer um levantamento de mapeamento de risco para que se possa contingenciá-los ou mitigar os danos. Nesse ponto, as instituições devem envolver os departamentos jurídico e de Tecnologia da Informação e um gestor. Em seguida, ela sugere uma decisão estratégica sobre o tema e, no terceiro passo, a criação de um comitê multidisciplinar específico de gerenciamento de riscos voltado para a LGPD.

"Dentro de um hospital, existem inúmeras profissões, mas é necessário ter envolvimento de todos, incluindo diferentes níveis hierárquicos. Todos precisam estar engajados para possibilitar a proteção de dados. Isso deve virar cultura dentro de um hospital e o comitê pode ajudar a disseminar essa cultura de política de privacidade de proteção de dados. Mas, antes, precisa uma compreensão muito grande do negócio. Quando falamos em Saúde, estamos falando de uma série de limitações muito específicas. Por isso, é fundamental ter profissionais que tenham essa compreensão, que saibam das normas, que tenham vivência de gestão, porque hospitais são extremamente complexos e multidisciplinares. Conhecimento profundo é muito importante", avalia.

Em resumo, é importante entender como a empresa vai se comportar perante a Lei. Para isso, a advogada sugere:

- Fazer um diagnóstico situacional para verificar como o hospital está em relação à LGPD;
- Mapear todos os dados que circulam dentro da instituição, desde o início até o descarte;
- Mapear todos os processos pelos quais eles circulam;
- Fazer o mapa de riscos, com processos e pessoas que têm acesso às informações;
- Criar um plano de ação, que deve estar em conformidade técnica e jurídica;
- Registrar evidências de esforços, para mostrar à agência reguladora ou fiscalizadora que o hospital está trabalhando para seguir a Lei;
- Produzir relatório técnico de impacto conforme previsto na Lei;
- Preparar um manual de orientação;
- Realizar treinamentos para difundir a política de privacidade e proteção de dados.

"A Lei Geral de Proteção de Dados vai obrigar as empresas e os hospitais a fazer compliance de dados. Será preciso ter uma política de notificação e tratamento de incidentes, porque ter uma política de privacidade e proteção de dados não garante que o hospital nunca incorrerá em violação alheia à sua vontade. Pode haver um *cyberattack*, por exemplo, mesmo com a melhor tecnologia de proteção. Obviamente que a instituição não será multada por isso, mas precisará ter um registro de evidências que prove que ela utilizou todas as ferramentas disponíveis para fazer a proteção. Certamente, tudo isso vai ser um enorme desafio para a Saúde, mas é um desafio que deve ser encarado de forma muito positiva, porque vai ajudar a melhorar processos e a promover proteção de dados mais efetiva", conclui.

LGPD na prática

Para se adequar à nova legislação, a Santa Casa de Maringá já está investindo em programas que garantam o cumprimento da legislação, tanto a LGPD, como também para a implantação de compliance na Instituição. Na avaliação de Ana Cláudia Piraja Bandeira, assessora jurídica da instituição que fará a palestra sobre esse tema no 6º Fórum de Direito da Saúde da Femipa no dia 11 de março, ainda há muito a se fazer, mas os primeiros passos já foram dados. Agora, o hospital vai criar um comitê de LGPD, coordenado pelo Jurídico, em conjunto com a TI, para implementar a política de governança e boas práticas. Segundo a assessora jurídica, os consentimentos já estão sendo todos revisados e os funcionários passarão por um treinamento para implantação dos termos.

De acordo com Ana Cláudia, a Lei é muito importante para os dias atuais, pois o mundo digital exige que os prestadores de serviço se organizem para garantir os princípios constitucionais, não permitindo o uso de dados essenciais para finalidades meramente lucrativas, muitas vezes para práticas ilícitas, em descompasso com o sigilo de informações e dignidade da pessoa humana. Ela comenta que outros países já estão organizados e devidamente regulamentados.

Ela sugere que as instituições criem, o mais rápido possível, um comitê formado por profissionais que possam orientar a equipe sobre as melhores práticas para o tratamento de dados e proteção desses dados, segundo o disposto na Lei.

"Os hospitais terão que se preparar e adequar com medidas de segurança para evitar vazamento de informações e dados de prontuários médicos e de cadastro dos pacientes. Deverão investir num programa corporativo de privacidade e proteção de dados, com políticas adequadas e implantadas seguindo o disposto na Lei, garantindo também que os titulares dos dados possam exercer seus direitos que estão dispostos no artigo 18, I a IX e artigo 20 da Lei 13.709/18. É preciso que as instituições orientem seus colaboradores para obter o consentimento do titular dos dados, que deverá ser livre, sem qualquer coação, em linguagem acessível e específico para a finalidade pretendida. Para isso, devem oferecer treinamento, primeiro para orientar sobre a base legal e constitucional do dever de sigilo e proteção da dignidade da pessoa humana; segundo, para que os colaboradores possam obter o consentimento de forma adequada, permitindo, inclusive, o titular de discordar do tratamento, sem que isso lhe cause qualquer constrangimento ou punição", completa.

Curitiba ganha última versão do Robô Da Vinci

Curitiba está à frente quando o assunto é cirurgia robótica. O Hospital Nossa Senhora das Graças (HNSG) conta agora com o Robô Da Vinci XI, tornando-se o primeiro hospital do Sul do país a adquirir essa versão da tecnologia, que é a mais moderna do mundo para realização de cirurgias de alta complexidade. O Robô Cirúrgico permite ao cirurgião realizar atos e gestos cirúrgicos mais precisos e com mais perfeição, além do que se conseguiria apenas com mãos humanas, tudo isso com uma visão 3D e posição ergonômica favorável.

A nova versão do robô adquirida pelo HNSG, diferente do modelo anterior já existente, amplia o número de cirurgias minimamente invasivas e das especialidades médicas em que é possível utilizar a tecnologia. Dessa forma, o Robô Da Vinci XI evita cirurgias convencionais abertas, em que o tempo de recuperação do paciente, em geral, é mais demorado. Para o paciente, as vantagens são enormes. Um dos principais benefícios é em relação a sua recuperação. Devido à menor manipulação do campo cirúrgico, o tempo de cirurgia e sangramento é reduzido, o paciente sente menos dor e a recuperação é mais rápida.

Entre as especialidades que serão beneficiadas com o novo robô Da Vinci XI estão a urologia, ginecologia, cirurgia do aparelho digestivo, cirurgia cardiotorácica, cirurgia bariátrica, otorrinolaringologia e algumas indicações de neurocirurgia.

Novos hospitais participam do Projeto Lean nas Emergências

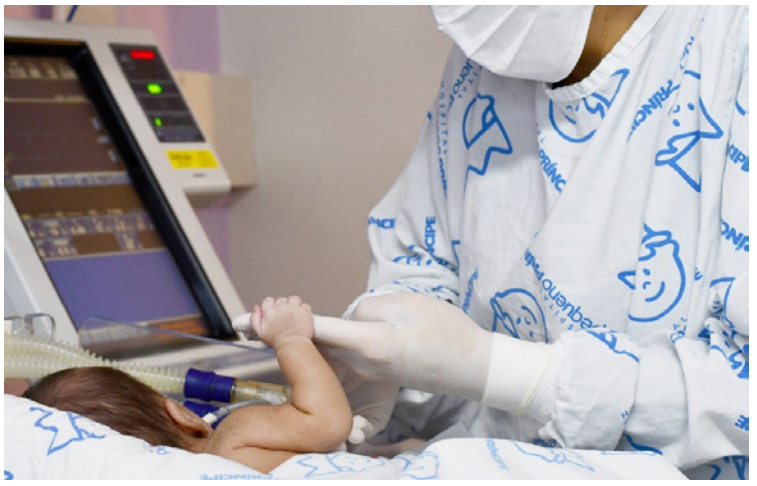
Foto: Breno Esaki

O Hospital Evangélico de Londrina e o Hospital Angelina Caron, de Campina Grande do Sul, passam a integrar o 4º ciclo do Projeto Lean nas Emergências, que tem como objetivo reduzir a superlotação dos serviços de urgência e emergência do SUS. Desde fevereiro, essas unidades de saúde começaram a receber as visitas das equipes que fazem parte da iniciativa.

Nos últimos seis meses, mais 20 hospitais do SUS participaram do 3º ciclo do Projeto Lean nas Emergências. As unidades apresentaram um resultado médio de redução de 43% do indicador de superlotação, 39% no tempo para chegada em um leito de internação hospitalar e 37% do tempo de passagem pela urgência até a alta. Isso significa que o paciente que busca atendimento nessas emergências fica, em média, quase 12 horas a menos no pronto-socorro, considerando o período desde a entrada na unidade.

A iniciativa é uma parceria do Ministério da Saúde com o Hospital Sírio-Libanês e faz parte do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Institucional do SUS (PROADI-SUS) para o triênio de 2018 a 2020. Outros 57 hospitais já passaram pelo processo de intervenção, incluindo hospitais filantrópicos do Paraná.

Congresso Internacional de Especialidades Pediátricas comemora 100 anos do Hospital Pequeno Príncipe



Já estão abertas as inscrições para um dos maiores eventos pediátricos do país, o Criança 2020. O Congresso Internacional de Especialidades Pediátricas será realizado de 22 a 26 de maio de 2020, na ExpoUnimed Curitiba. Em sua quinta edição, o encontro será especial por comemorar o centenário do Hospital Pequeno Príncipe.

A expectativa é de receber mais 2,5 mil pessoas do Brasil e do mundo – entre inscritos, palestrantes e expositores. Profissionais internacionais e de todo o Brasil estarão reunidos para discutir o que há de mais moderno em especialidades pediátricas. A programação conta com palestras, conferências, simpósios, painéis, discussão de casos, sessões interativas e mesas-redondas em 11 módulos de especialidades: Anestesiologia; Bioética e Humanização; Cardiologia e Cirurgia Cardíaca; Cirurgia Pediátrica; Enfermagem; Hemato-Onco e TMO; Ortopedia; Pediatria; Pesquisa; Psicologia; Urologia.

A última edição do Congresso foi realizada em 2015 e reuniu mais de 2 mil pessoas. Os interessados em inscrever trabalhos científicos precisam fazê-lo até 15 de março de 2020. Mais informações em **www.crianca2020.com.br**